

Entardecer no
Pampa

Imprensa

Editora Appris Ltda.

1ª Edição - Copyright© 2022 do autor

Direitos de Edição Reservados à Editora Appris Ltda.

Nenhuma parte desta obra poderá ser utilizada indevidamente, sem estar de acordo com a Lei nº 9.610/98. Se incorreções forem encontradas, serão de exclusiva responsabilidade de seus organizadores. Foi realizado o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional, de acordo com as Leis nºs 10.994, de 14/12/2004, e 12.192, de 14/01/2010.

Catálogo na Fonte

Elaborado por: Josefina A. S. Guedes

Bibliotecária CRB 9/870

A474e Alves, Ricardo R
2022 Entardecer no pampa : livro 2 / Ricardo R. Alves. - 1. ed. - Curitiba :
Appris, 2022.
433 p. ; 23 cm.

ISBN 978-65-250-2784-5

1. Ficção brasileira. 2. Espiritismo. I. Título.

CDD - 869.3

Livro de acordo com a normalização técnica da ABNT

Appris
editora

Editora e Livraria Appris Ltda.
Av. Manoel Ribas, 2265 - Mercês
Curitiba/PR - CEP: 80810-002
Tel. (41) 3156 - 4731
www.editoraappris.com.br

Printed in Brazil
Impresso no Brasil

Ricardo R. Alves

Entardecer no
Pampa

Livro 2

Appris
editora

FICHA TÉCNICA

EDITORIAL	Augusto V. de A. Coelho Marli Caetano Sara C. de Andrade Coelho
COMITÊ EDITORIAL	Andréa Barbosa Gouveia (UFPR) Jacques de Lima Ferreira (UP) Marilda Aparecida Behrens (PUCPR) Ana El Achkar (UNIVERSO/RJ) Conrado Moreira Mendes (PUC-MG) Eliete Correia dos Santos (UEPB) Fabiano Santos (UERJ/IESP) Francinete Fernandes de Sousa (UEPB) Francisco Carlos Duarte (PUCPR) Francisco de Assis (Fiam-Faam, SP, Brasil) Juliana Reichert Assunção Tonelli (UEL) Maria Aparecida Barbosa (USP) Maria Helena Zamora (PUC-Rio) Maria Margarida de Andrade (Umack) Roque Ismael da Costa Güllich (UFFS) Toni Reis (UFPR) Valdomiro de Oliveira (UFPR) Valério Brusamolin (IFPR)
ASSESSORIA EDITORIAL	Renata Miccelli
REVISÃO E LEITURA CRÍTICA	Eliane Ventura da Silva
REVISÃO	Cristiana Leal
PRODUÇÃO EDITORIAL	Bruna Holmen
DIAGRAMAÇÃO	Yaidiris Torres
CAPA	Eneo Lage
ILUSTRAÇÃO	Adenilson Abranches Monteiro Livia Maria Barbosa Monteiro
LIVRARIAS E EVENTOS	Estevão Misael
GERÊNCIA DE FINANÇAS	Selma Maria Fernandes do Valle

*Eu não creio que somente
a minha inteligência foi
capaz de me ajudar a
escrever este livro.
(Ricardo Ribeiro Alves)*

*A mais bela literatura
é aquela em que o autor segura
na mão do leitor e o joga para dentro da história,
tornando-o testemunha ocular dos acontecimentos
(Ricardo Ribeiro Alves)*

*Um escritor é como um viajante que se vê
diante de dois caminhos.*

*Um deles trilha assuntos como medo,
desesperança e angústia, e é um atalho,
pois rapidamente se chega a muitos leitores.*

*O outro caminho conduz a temas que
encorajam e instruem as pessoas,
mas leva mais tempo
para chegar aos leitores.*

*Eu só sei percorrer o segundo caminho.
(Ricardo Ribeiro Alves)*

Imprensa

APRESENTAÇÃO

A forma como a inspiração surge para que eu escreva um livro é um pouco peculiar, e vou tentar descrevê-la.

Quando me concentro para escrever, não raras vezes, parece que estou sentado em uma poltrona de teatro ou cinema e vejo passar, diante de mim, cenas que retratam personagens, suas falas e lugares. Cabe a mim decodificar tudo o que “vejo” e “traduzir” em forma de texto. É um trabalho que demanda “sentimento” em relação à obra que se está escrevendo. Há de se “sentir” os personagens, sua vida e seus conflitos. Eles vão ganhando “caras” e “personalidades” próprias, e cada um vai ocupando seu lugar na história. É um trabalho árduo, mas muito gratificante.

Em outras ocasiões, a história do momento vai se conectando com o que, potencialmente, pode vir a ocorrer depois com os personagens. É como se eu estivesse em uma estrada à noite e pudesse ver, ao longo dela, luzes se acendendo no asfalto durante a trajetória. Sei que terei que passar por aquelas “luzes”, mas, para isso, preciso percorrer um caminho antes. Não se pode ter pressa para contar a história, ou seja, chegar intempestivamente até as “luzes” que nortearão a vida futura dos personagens.

À medida que a história flui, e passo por cada uma das “luzes” dessa fictícia estrada noturna, um grande quebra-cabeças vai sendo construído. Cada pecinha, como se fora um puzzle, vai se encaixando, e os conflitos, os dramas e as alegrias dos personagens vão chegando, paulatinamente, a um desfecho.

Porém, reitero: não se deve precipitar os acontecimentos. É importante ser fiel ao caminho que se tem que percorrer antes de chegar a cada “luz” da estrada. Por que digo isso? Porque é preciso que o(a) leitor(a), também, apegue-se aos personagens e que possa “sentir/refletir” o que cada um deles pensa e faz, assim como ocorre com o autor no momento em que está escrevendo o livro. É necessário dar esse tempo para que o(a) leitor(a) possa se “acostumar” com os personagens, os lugares e os conflitos da história.

Não é uma tarefa fácil, por isso aquele espectador/autor, sentado na “poltrona” do suposto teatro/cinema, deve ter ciência do seu compromisso ao escrever cada cena que “visualiza”, cada “luz” que atinge ao percorrer a estrada e cada “peça” que vai encaixar no grande quebra-cabeça.

Insisto em dizer que são três aspectos em meu caso particular: as cenas do “teatro/cinema”, as “luzes” da estrada noturna e as “peças” do quebra-cabeça. Assim, como autor, tento contribuir para que o(a) leitor(a) tenha uma experiência parecida com a que eu tive ao “ver as cenas” que se passavam.

O livro *Entardecer no Pampa* conta a história dos amigos Tobias e Honório, que se conhecem em um seminário de uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre, em 1939. Enquanto Tobias decide continuar sua vocação, visando ao sacerdócio, Honório abandona o colégio e regressa à sua cidade natal, São Gabriel, localizada no Pampa Gaúcho, a fim de retomar a lida campeira em estâncias da região.

Em Colônia, terra natal de Tobias, moram Anna Fermatti e seus filhos, Elena e Filipo, sendo este uma criança com necessidades especiais. Algumas pessoas presenciam estranhos acontecimentos com a jovem Elena que são motivo de opiniões divergentes. A primeira parte do livro aborda as histórias que ocorreram nas duas localidades até que os dois amigos, enfim, reencontram-se, tempos depois.

A segunda parte se passa no Rio de Janeiro, em 2017, e se inicia com o lançamento do livro publicado pelo diretor Baltazar, além de dar sequência à história já retratada em *A Janela do Castelo* (o primeiro da trilogia *Repercussões de Outrora*). Um novo personagem, porém, será o elo entre as duas tramas: a do presente e aquela que se passou no interior gaúcho décadas atrás.

A história e os personagens apresentados são fictícios. No entanto, alguns lugares são reais e serviram de “pano de fundo” para a trama do livro. Dessa forma, eu lhes prestei uma singela homenagem.

Entardecer no Pampa é o segundo livro de literatura de minha autoria. Ele foi escrito em sete meses, no período de 5 de outubro de 2019 a 9 de maio de 2020.

Desejo a todos uma boa leitura e obrigado pela companhia!

Ricardo Ribeiro Alves

Imprensa

*A presente obra é uma ficção.
Apesar de ser um romance espírita, o livro não é uma psicografia.
No entanto, eu acredito ter sido inspirado espiritualmente em
diversos momentos.
Ricardo Ribeiro Alves*

Imprensa

Sumário

PRÓLOGO.....	15
PRIMEIRA PARTE	
INTERIOR DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL. 1942.....	21
A REJEIÇÃO.....	22
FALTA DE APOIO.....	23
UM PEQUENO CLARÃO DE LUZ.....	25
UMA VOCAÇÃO DIFERENTE.....	27
A VIDA NO CAMPO.....	30
A INCOMPREENSÃO DO MARIDO.....	31
PESADAS LEMBRANÇAS.....	34
A TESOURA.....	36
O AMIGO DE FILIPO.....	39
AS RECORDAÇÕES DE HONÓRIO.....	43
O SONHO DE TOBIAS.....	47
AS FÉRIAS EM SÃO GABRIEL.....	55
A SEITA DE JUAREZ.....	57
A DESISTÊNCIA DO SEMINÁRIO.....	67
TIRANDO A HISTÓRIA A LIMPO.....	69
O DIÁCONO TOBIAS.....	71
A QUERMESSE.....	73
UM CONVIDADO INDESEJADO.....	75
O VELHO DE BARBAS BRANCAS.....	77
AS DIFERENTES VERSÕES.....	79
A REINCIDÊNCIA.....	81
A VERSÃO DE ELENA.....	83
A HISTERIA DA BEATA CATARINA.....	88

TROCA DE ESCOLA	90
O PEÃO ARLINDO “BRAÚNA”	93
VIDA DE EXCESSOS	96
ÁRVORE GENEALÓGICA.....	97
FALSA AMIZADE.....	106
O ASSÉDIO.....	109
DEMISSÃO DA ESTÂNCIA.....	112
O EX-PRESIDIÁRIO “BORRACHO”	116
O AJUDANTE PTOLOMEU	118
BODE EXPIATÓRIO	120
O RETORNO À SANTA ROSA	126
O LIVRO PROIBIDO	129
O DIÁLOGO COM PADRE AUGUSTO.....	131
CORAGEM PARA MUDAR.....	135
OS PRIMEIROS PASSOS.....	137
FREQUENTANDO O “OBREIROS”.....	142
AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES	144
A CONVERSA AMISTOSA	147
O LIVREIRO TEOBALDO	150
INCONFORMISMO	155
PEGO EM FLAGRANTE	160
A TRAMA DIABÓLICA	164
APAGANDO A ÚLTIMA PISTA	167
A INVESTIGAÇÃO	170
A PRISÃO DO ESTANCIEIRO	174
O PALESTRANTE	177
O RETORNO DE TOBIAS	178
AS VISITAS	182
O PEDIDO DO PADRE TOBIAS.....	186
A DESPEDIDA	187
UMA VISITA INESPERADA.....	189
OS CRIMES DE PAI E FILHO	192
O REENCONTRO DOS AMIGOS.....	195
A TRAJETÓRIA DE TOBIAS.....	197
A TRAJETÓRIA DE HONÓRIO	199
OS NOVOS SONHOS DO PADRE	203
OS CONTRATEMPOS DE ELENA.....	207
O ENCONTRO.....	210

A UNIÃO DE DUAS HISTÓRIAS.....	214
AS ANOTAÇÕES DE ANNA FERMATTI.....	218
O CASAMENTO	223
VIDAS QUE SE FORAM	229
O PASSADO SOMBRIO ENCOBERTO.....	231
ÚLTIMO ADEUS.....	235
SUCESSÃO	240
NOVOS CAMINHOS.....	241
A EXPLICAÇÃO DE HONÓRIO	243
UMA VELA QUE SE APAGA.....	246
PALAVRAS DE CONFORTO	248
O DESENHO DA NETINHA.....	250
O RETORNO À TERRA DOS MARECHAIS	253
O NOVO INTEGRANTE DA FAMÍLIA.....	256
O ENTARDECER NO PAMPA GAÚCHO	257

SEGUNDA PARTE

RIO DE JANEIRO,

BRASIL, 2017.....	259
O LANÇAMENTO DO LIVRO.....	260
O DISCURSO DO AUTOR.....	263
SENHOR FRANCISCO.....	265
OS DOIS MENTORES ESPIRITUAIS.....	267
O MARIDO DA PSICÓLOGA.....	270
REMINISCÊNCIAS DE LYON.....	273
MAIS UM DIA DE TRABALHO	275
UM VISITANTE INESPERADO.....	277
ENTREVISTA INCOMUM.....	279
COPACABANA.....	284
UMA ESTRANHA COINCIDÊNCIA	287
O INÍCIO DA AMIZADE.....	292
CAFÉ DA TARDE	294
A JANELA DA ALMA.....	297
O VULTO MISTERIOSO.....	300
LIVRE-ARBÍTRIO	302
AS CARTAS DE PRISCILA.....	305
O PEDIDO DO MENTOR.....	314
A INICIAÇÃO DE SOFIA	315

UMA MENSAGEM INESPERADA.....	319
A FOTOGRAFIA DE 1946.....	321
AS LEMBRANÇAS DE HONÓRIO E ELENA.....	324
A PALESTRA DE BALTAZAR.....	327
O INFINITO.....	329
REUNIÃO DE AMIGOS.....	334
O RELATO DE ALYCE.....	338
O RETORNO A SÃO GABRIEL.....	341
AMIGO INESPERADO.....	343
SETE DÉCADAS DEPOIS.....	347
O CRUCIFIXO DE MADEIRA.....	348
A CONFISSÃO DO CRIME.....	351
OS COMENTÁRIOS.....	354
CARTA SEM ECO.....	356
LEMBRANÇAS DO PASSADO.....	359
SONHO E REALIDADE.....	364
A NETA DE MANOEL.....	366
A REVELAÇÃO.....	371
MEIA-IRMÃ.....	376
TRADUÇÃO SIMULTÂNEA.....	380
O TESTE DE DNA.....	384
O FILHO DA BEATA.....	388
DÚVIDAS NO AR.....	393
À PROCURA DE UM GUIA.....	398
O CASEBRE DA FLORESTA.....	401
A HISTÓRIA DE GIUSEPPE FERMATTI.....	405
OS ACONTECIMENTOS DE ROMA.....	413
REPERCUSSÕES.....	420
DESFECHO DA VIAGEM.....	425
UMA MENSAGEM DE ESPERANÇA.....	429
Livro 3 — Trilogia Repercussões de Outrora.....	433
AS PALMEIRAS DE UBÁ.....	433

PRÓLOGO

• Proximidades de Roma, Itália – ano 157 d.C.

O carrasco Almáquio aguardava as ordens de seu superior para executar a sentença. Os leões já estavam na arena, esperando apenas a abertura dos portões. A plateia estava ansiosa pelo início do espetáculo. Restava, porém, a palavra final do superior.

— Deixe-os com os pés e as mãos amarradas — disse finalmente o patrício Maximianus.

Proferida a decisão, Almáquio pôde, enfim, tomar as providências necessárias. Ordenou que seus ajudantes conduzissem aquela meia dúzia de cristãos pelos portões que davam acesso ao interior do estádio. Venília, uma das cristãs, entoava belíssimos cânticos em agradecimento a Deus pela oportunidade de manifestar a sua fé.

A arena lotada tentava abafar as canções cristãs, emitindo palavras ofensivas contra os religiosos e a favor de seus deuses romanos. Após colocar as vítimas estrategicamente no meio do estádio, Almáquio, um senhor feroz e de barbas brancas, amarrou os pés e as mãos de alguns deles, inclusive de Venília. Minutos depois, a última cristã chegava sob a escolta do carrasco Lacínio.

— Agora será o seu fim, Rurina — disse o carrasco, olhando maliciosamente para ela.

Ao lado de Venília e dos demais cristãos, Rurina se uniu ao coro de vozes que cantavam palavras de louvor a Deus.

Em seguida, os verdugos se retiraram do local, deixando apenas as vítimas.

A cena que se viu posteriormente foi muito trágica e triste: os portões que prendiam os leões foram abertos, e os animais avançaram ferozmente sobre os religiosos, que não paravam de louvar ao Senhor. Em poucos minutos, seus corpos foram despedaçados, para delírio de uma plateia insana e sedenta de sangue de inocentes.

• Interior do Rio Grande do Sul, Brasil – ano 1810

O velho rabugento Giacomo P. Fermatti estava terminando de ajustar seu rifle e a munição. Estava se preparando para mais um dia de caça. Aquela jornada, no entanto, seria especial: faria a iniciação de seu neto de 9 anos, Giuseppe Fermatti.

— Quanto mais jovem ele tomar gosto pela caçada, melhor será para seu aprendizado — disse, orgulhoso, seu Giacomo ao filho, Pasquale Fermatti.

— É verdade, papai. Ainda posso me lembrar da primeira vez que meu avô, o velho Petrônio Fermatti, e o senhor me levaram para caçar. Foi um dos dias mais importantes da minha vida, talvez só superado pelos nascimentos do Giuseppe e da Giulianna — disse Pasquale, referindo-se ao seu casal de filhos.

Aquele diálogo entre pai e filho ocorria, no ano de 1810, em uma localidade conhecida como Colônia, na Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul, no Brasil. Essa capitania havia sido criada três anos antes em substituição à antiga Capitania do Rio Grande de São Pedro, surgida em 1760. Hoje corresponde ao estado do Rio Grande do Sul, formalmente criado com a Proclamação da República do Brasil, em 1889.

Décadas antes, em 1745, Petrônio Fermatti havia fugido da Itália em um navio, após cometer diversos crimes, e se estabelecido naquela porção noroeste da Capitania do Rio Grande de São Pedro, bem longe da Europa. A localidade de Colônia pertence atualmente ao município de Independência. Sobre seu passado criminoso, Petrônio Fermatti soube escondê-lo astuciosamente de sua futura esposa e de seus filhos, todos nascidos no Brasil. Construiu uma nova vida e levou para o túmulo a verdade sobre seus crimes cometidos na pátria-mãe.

Era nesse contexto que vivia a família Fermatti. Eles tinham ascendência italiana e moravam em uma região farta de animais. Os homens praticavam a caça, para prover a carne necessária à subsistência daquele povoado, mas a atividade também era considerada um lazer para aquelas pessoas.

Mais do que isso: ser caçador era sinal de afirmação para um homem naquela comunidade longínqua do sul do Brasil. Essa era a razão principal da iniciação precoce do menino Giuseppe Fermatti naquele dia.

— Está tudo conferido, papai. Já temos munição suficiente para o dia de hoje. Podemos partir — falou confiante Pasquale Fermatti.

— Chame o *bambino* e vamos logo — respondeu, autoritariamente, Giacomo P. Fermatti, referindo-se ao neto, Giuseppe.

O menino mal havia conseguido dormir durante a noite. Sempre escutava as conversas do pai com o avô a respeito dos diversos animais que eles haviam encontrado naquelas matas silvestres, e agora ele tinha a oportunidade de fazer parte dessa história. Uma tradição vinda de seu bisavô Petrônio, falecido há mais de uma década, que ele não tinha conhecido.

— Estou pronto, *nôno*¹ — disse Giuseppe para o avô.

Após vestir o menino adequadamente, eles partiram em direção à densa floresta, não sem antes ouvir as advertências da esposa de Pasquale, Eleonora Fermatti, a respeito dos cuidados com a criança.

O trio já estava junto há algumas horas, e apenas um animal tinha sido abatido por Pasquale. Não parecia ser um bom dia para caça, apesar das expectativas do pequeno Giuseppe. Em um determinado momento, Pasquale se afastou e ficou mais de uma hora longe do pai e do filho, tempo suficiente para que, numa desatenção de Giacomo, Giuseppe se perdesse na mata.

A criança corria desesperadamente tentando encontrar seus parentes e, em um descuido, acabou cortando o braço em um galho que estava em seu caminho. O sangue jorrou, e um pedaço de sua camiseta se rasgou, ficando presa naquele local. Por ironia do destino, cada vez mais, ele ia em sentido contrário.

Apesar da dor provocada pelo corte, o menino seguiu mata adentro. Quase uma hora depois, ele avistou um pequeno casebre de madeira, com uma chaminé no teto. De súbito sentiu esperança de encontrar alguém naquele local. Avançou mais em direção à casa e bateu com força na porta. Ninguém o acudiu. Viu que a janela ao lado estava embaçada pela sujeira. Limpou o vidro e olhou em seu interior. Era um local sujo, e havia algumas peles de animais. Aparentemente não havia ninguém. Tentou forçar a porta, mas ela não abria. Com seus frágeis braços e sua modesta força não tinha como lograr êxito. Adicionalmente, havia um fermento profundo que lhe subtraía a energia.

¹ Palavra de origem italiana que significa avô em português (nota do autor).



O menino olhou de relance e viu, do lado de fora da casa, uma pequena e velha escada de madeira. Imaginou rapidamente que poderia entrar na casa de outra forma. E esse foi o seu erro. O astuto menino colocou a escada em posição vertical e subiu no telhado do casebre. Teve o cuidado de andar sobre os caibros, e não sobre as telhas. Em poucos segundos, se aproximou da chaminé e viu que seu interior estava escuro. No entanto havia uma pequena claridade lá embaixo, vinda da luz que entrava pelo vidro da janela e iluminava a sala do casebre.

Não pensou duas vezes e tentou descer pela chaminé. Ele não contava que o espaço da chaminé era muito estreito, mesmo para um corpo fino como o seu. Giuseppe ficou entalado na chaminé. Durante muitas horas, ele gritou desesperado, sem conseguir chamar atenção de ninguém. Estava ali só e preso.

Ao perceber o sumiço do neto, Giacomo P. Fermatti se apavorou e saiu sem rumo à sua procura. Deu alguns tiros para o alto na tentativa de fazer com que Giuseppe pudesse se guiar pelo som, mas não teve êxito em relação a isso. Por outro lado, o som do disparo de seu rifle fez Pasquale, após vários minutos de caminhada, encontrar-se com o pai. Foi uma cena inusitada.

Giacomo P. Fermatti, considerado por todos insensível e machista, deu lugar a um desesperado avô que precisava contar ao filho sobre o sumiço do neto.

— Como é possível que ele tenha sumido em tão pouco tempo, papai? — perguntou, incrédulo, Pasquale Fermatti.

— Fui um pouco mais à frente, e, quando olhei para trás, ele não estava mais aqui. Revirei toda a região e não o encontrei. Restou-me apenas fazer esses disparos na tentativa de chamar atenção de Giuseppe.

— Eu ouvi os disparos, então certamente ele também deve ter ouvido. Todavia Giuseppe não havia escutado os tiros.

Giacomo e Pasquale resolveram voltar pela trilha e buscar ajuda. Pararam em um povoado e recrutaram alguns homens para a empreitada. Era por volta das três horas da tarde, e o receio de todos era que chegasse a noite, o que tornaria a tarefa de busca muito mais difícil. Dezenas de homens invadiram a mata na esperança de encontrar a criança ainda viva.

Naquele momento, o menino já estava entalado na chaminé, e suas forças definhavam, seja pelo corte profundo que havia sofrido, seja pelos gritos que dava sem sucesso. Sentia falta de ar devido à pouca circulação de oxigênio no interior do local.

Horas de procura em vão. O grupo rastreou cada ponto naquela mata, sem sucesso. Em determinado momento alguém encontrou um pedaço de roupa e marcas de sangue. Imediatamente foi dado um disparo, que era o sinal de que havia alguma novidade. Guiados pelo som, minutos depois diversos homens chegaram ao local. Pasquale e o pai reconheceram os fiapos das vestes do pequeno Giuseppe.

— Ele pode ter sido atacado por algum animal, pois há várias marcas de sangue neste local — disse um dos homens.

— Mas ele também pode ter se cortado — comentou alguém.

— As marcas somem a partir daqui. Tem muita folha no solo. Não há como rastrear o caminho que ele possa ter seguido. E ele é uma criança, de pequena estatura, e passa facilmente pelos galhos e arbustos.

Os homens fizeram uma busca na região, mas não conseguiram encontrar nenhuma outra pista do paradeiro de Giuseppe. Para piorar era inverno, portanto escurecia mais cedo, e naquela época não se tinha a facilidade de usar lanternas ou outros equipamentos apropriados para buscas durante a noite. Era necessário interromper a procura do menino e prosseguir no dia seguinte, ao amanhecer.

O coração de Eleonora Fermatti estava aflito por pensar nos perigos que seu filho poderia passar. A senhora de quarenta e poucos anos não conseguiu dormir naquela noite, assim como não conseguiram seu marido, Pasquale, e, principalmente, seu sogro, Giacomo.

Com os primeiros raios de sol, um contingente maior de homens reiniciou as buscas por Giuseppe. Iriam vasculhar cada árvore daquela mata. Horas depois, dois homens encontraram um casebre no meio da floresta, bem distante do ponto em que o filho de Pasquale havia se perdido.

— É um local que caçadores costumavam usar para pernoitar em dias de caça — falou um deles.

— Parece abandonado — disse o outro, ao constatar que não havia ninguém próximo a ele.

Começaram a gritar, chamando pelo nome de Giuseppe. Mal sabiam eles que naquele momento a criança já estava morta no interior da chaminé do casebre.

A porta era feita de madeira maciça, o que dificultava que fosse arrombada. Tentaram quebrar os vidros da janela, mas, como as grades eram pequenas, não tinha como um homem de estatura média passar pelo vão da janela. A solução era mesmo tentar arrombar a porta. Minutos depois, mais outros dois homens apareceram no local. Com a força de quatro homens foi possível, com muito custo, romper a porta. Entraram no casebre, mas, para decepção de todos, não havia ninguém nem na sala nem em um pequeno cômodo na parte de trás. Olharam de longe a lareira, mas nunca poderiam imaginar que pouco acima dela, no vão da chaminé, estivesse entalado o corpo daquela criança. Gritaram por toda a parte, e nada de Giuseppe.

Com cuidado os homens trataram de recompor a porta como estava anteriormente e partiram dali. Relataram a Pasquale e a Giacomo a descoberta infrutífera do casebre, para tristeza deles. Ninguém suspeitou que o corpo do menino pudesse estar ali.

Dias depois a busca foi suspensa, pois todos acreditavam que Giuseppe tinha sido devorado por algum animal. Não havia mais sinal dele, e a razão dava como certa que ele estivesse morto. Como acontecia com frequência naquela época, ele foi dado como desaparecido, e restou à família a resignação de sua perda.

Com a constatação do desaparecimento do neto e com profundo remorso em seu coração, o velho Giacomo usou seu rifle pela última vez. Deu um disparo em seu próprio coração.

Primeira parte

**INTERIOR DO RIO GRANDE DO SUL,
BRASIL. 1942**

A REJEIÇÃO

— O que ela tem, doutor? — perguntou a senhora.

— Aparentemente ela está bem. Os últimos acontecimentos a deixaram transtornada. É preciso que ela tome estes medicamentos e faça repouso. Por enquanto, tente isolá-la dos demais. Ela tem sofrido uma grande pressão — respondeu o médico.

— Infelizmente, doutor, meu marido não compreende a enfermidade da pequena Elena. Na verdade, eu também não entendo o que vem acontecendo, apenas sei que a amo.

— Senhora Anna, as pessoas estão fantasiando muito sobre isso e acabam por fazer sofrer esta pobre criança. Ela é apenas uma menina de 10 anos que está assustada, nada mais do que isso. E é capaz de diversas artimanhas que são próprias da idade. Também é comum ver os chamados “amigos imaginários”. Sou um médico, um homem da ciência, e me desculpe, mas não acredito nas coisas que me disse.

— É que o senhor não viu o que aconteceu. Talvez por isso acredite que seja apenas fruto da imaginação das pessoas.

— Compreendo a senhora, dona Anna, mas neste momento, no papel de médico, apenas posso lhe entregar esta receita e pedir repouso para a Elena. É o que cabe a mim.

— Sim, senhor — disse Anna, pegando a receita e se preparando para sair do consultório.

Ao fechar a porta com uma mão e segurar Elena com a outra, Anna ficou pensando nas provações que passava na vida. A impressão era que, cada vez mais, as dificuldades aumentavam, e ela não tinha mais ninguém com quem contar.

“Como eu gostaria que mamãe estivesse aqui”, pensou Anna, recordando-se de sua mãe, Giorgia Fermatti, falecida há dezoito anos, em 1924. “Certamente ela me ajudaria bastante com as crianças”.

Caminhava com a filha pelas ruas de terra daquele povoado do interior do Rio Grande do Sul e podia ver algumas mulheres na janela. Ao vê-la com Elena, imediatamente algumas se retiravam, para não ter que cumprimentá-las, ou, se ficavam na janela, desferiam palavras ferozes contra a menina. Parecia não existir nenhum tipo de compaixão por parte dos vizinhos.

Toda vez que isso acontecia, Anna tratava de apressar o passo de Elena, para que a menina não ouvisse os insultos. O comportamento das pessoas, logicamente, magoava Anna Fermatti, ainda sem compreender direito o que se passava com a filha. Aquela situação já se arrastava por vários meses, e, apesar do acompanhamento do médico da localidade, doutor Augusto Saraiva, a pequena Elena não tinha obtido progressos.

“Apenas posso apelar para o bondoso Deus. Estou sozinha neste mundo com duas crianças com dificuldades, e somente Ele poderá intervir a meu favor”, pensava aquela senhora ao caminhar com Elena.

“Mas, ao que tudo indica, as minhas orações têm sido insuficientes. Elena continua agindo de forma estranha. E Felipe não compreende o mundo à sua volta. Onde está Deus que não ouve as minhas súplicas?”, indagava Anna Fermatti, desesperada, em suas preces.

FALTA DE APOIO

Pensando estar em débito com Deus, Anna decidiu ir com a filha à igreja do povoado, que mais parecia uma capela, considerando os padrões atuais. Iria conversar com o padre Enrico Vitali que, certamente, a ajudaria com seus problemas.

Ao entrar no templo, viu a figura sinistra do ajudante do padre, Ptolomeu, limpando o chão. Ele olhou para as duas e disse:

— *Deus o livre!* Uma presença maligna aqui na Santa Casa do Senhor.



Mal acabou de pronunciar aquelas palavras, saiu correndo pela porta dos fundos da igreja. Anna estava atônita com aquela cena, mas esperava melhor sorte com o padre. Elena, que se sentia desprezada por todos, começou a chorar. Em poucos segundos, a porta da pequena sacristia foi aberta, e o padre Enrico Vitali, avisado pelo som do choro da criança, foi ao encontro das duas.

— Senhor padre, eu preciso de sua ajuda! — suplicou Anna.

— Já estou sabendo dos novos boatos que correm na cidade. Então o *tinioso*² voltou a atacar esta pobre menina — disse o padre, pousando o olhar em direção à Elena.

E completou dizendo:

— Saiba, espírito perverso que habita esta menina, que os teus dias estão contados!

O sacerdote pegou um pequeno frasco contendo água-benta, que estava sobre a mesa, e jogou algumas gotas na cabeça de Elena. Em seguida, retirou um crucifixo de uma caixa de madeira e o aproximou da menina, que não parava de tremer.

² O mesmo que demônio ou diabo (nota do autor).

Anna arregalou os olhos, pois não podia acreditar que o padre, que deveria ser o primeiro a lhe estender as mãos, estava dizendo que sua filha tinha um espírito maligno.

— Padre Vitali, o senhor não deve dar crédito ao que dizem essas pessoas. O senhor sabe que Elena está se tratando com o doutor Augusto Saraiva, e tenho certeza que em breve estará curada. Além disso, já se passaram semanas daquele acontecimento.

— Minha pobre paroquiana, eu ainda não tive a oportunidade de presenciar tais acontecimentos, pois estava ausente no dia, mas, pelas palavras do meu ajudante e da nossa querida beata Catarina, receio que sua filha esteja possuída. Quando acontecer algo de anormal, venha me procurar imediatamente ou mande alguém me chamar.

Após minutos de silêncio, padre Enrico Vitali retomou as palavras:

— A beata e o meu ajudante me pediram para solicitar uma investigação da Diocese em relação ao que aconteceu naquele dia, no salão paroquial, mas julguei que deveria dar um crédito para vocês. No entanto, caso novamente ocorra algo do tipo, eu não terei escolha: levarei o caso ao bispo!

Anna Fermatti ficou trêmula, e algumas lágrimas desceram de seu rosto. Minutos depois, mãe e filha saíram do local. A mãe de Elena estava desconsolada, pois esperava que houvesse uma compreensão mais humanitária por parte do Padre Vitali. De longe podia ver o velho Ptolomeu, trajado com roupas escuras e semelhantes a de um frei, lançando olhares de reprovação para elas.

O mundo parecia desabar na cabeça de Anna, e ela só conseguia suportar devido ao amor imenso que tinha por seus filhos e à fé que tinha em Deus. Por eles, ela seria capaz de dar sua própria vida. Da despedida do padre até a saída da igreja, pareceu uma eternidade. Pensamentos tristes invadiam sua mente.

UM PEQUENO CLARÃO DE LUZ

Ainda atordoada com esses pensamentos, Anna passou pela porta de entrada da igreja. Após alguns passos, ouviu alguém chamá-la.

— Como vai, dona Anna? Olá, Elena! Como ela cresceu! Estou temporariamente de volta a Colônia — disse um rapaz de pouco mais de vinte anos.

O rosto de Anna se iluminou ao vê-lo. A própria Elena parou de chorar e fixou o olhar naquele moço. Era o diácono Tobias que retornava àquela localidade depois de mais de dois anos em um seminário.

“Provavelmente ele não deve saber dos últimos acontecimentos”, pensou Anna. “Certamente, ao saber de tudo que aconteceu, será mais um a nos desprezar”.

Caminharam um pouco mais e chegaram à praça, localizada em frente à igreja. Anna se sentou no banco com a filha. Tobias, em pé, começou a falar de seus últimos anos e do aprendizado que tivera no seminário, em Gravataí. Como a cidade é próxima de Porto Alegre, o diácono relatou que teve a oportunidade de conhecer a catedral da capital. O rapaz estava feliz por poder retornar à localidade onde nasceu, embora soubesse que seria temporário. Havia chegado no dia anterior.

— Imagino que deva estar muito feliz por voltar a Colônia e ficar junto de seus pais, Tobias.

— Sim, estou. Nasci aqui e pretendo trabalhar bastante em prol da comunidade e dos paroquianos. Mas ficarei pouco tempo, pois terei que regressar para completar meus estudos para o sacerdócio.

— E como é a sua relação com o padre Enrico Vitali?

— Ele é um pouco bravo, às vezes, mas me recebeu bem. Já definiu as atividades que terei que fazer, e eu tenho me esforçado para cumpri-las fielmente. Além disso, ele mesmo me disse que pretende ficar só mais alguns anos antes de “aposentar a batina”. Creio que será o tempo ideal para o restante de minha formação.

— Ele vai embora de Colônia?

— Disso eu não sei. Provavelmente irá para um retiro de religiosos aposentados mantido pela Diocese.

Após comentar diversos aspectos da vida religiosa e de sua vocação para o sacerdócio, Tobias se deu conta de que estava falando muito de si. Percebeu que tinha sido um pouco indelicado, pois não havia perguntado nada sobre elas.

— E vocês estão bem? Como está o senhor Sérgio Espósito? — perguntou ele.

— Estamos bem. Meu marido continua com bastante trabalho na pecuária e na pequena lavoura da família. Ele vive direto na *estância*³.

— Então vocês mantêm aquela bela propriedade situada *lá fora*⁴? — perguntou o sacerdote, referindo-se à zona rural da localidade.

— Sim, a nossa vida é lá. Antigamente passávamos mais tempo na *estância* do que aqui em Colônia. No entanto, com os estudos da Elena, temos ficado mais na cidade, e o Sérgio mais na *estância*.

A família Fermatti Espósito possuía uma extensa propriedade localizada na zona rural de Colônia. Aproximadamente 23 anos após a história aqui relatada, em 1965, foi fundado oficialmente o município gaúcho de Independência, que passou a agregar os distritos de Colônia Medeiros, Esquina Araújo, Independência e São Valentim. A atual cidade fica próxima aos municípios de Três de Maio, Alegria, Inhacorá, Catuípe e Giruá. Em relação ao seu nome, não se sabe ao certo a origem. Uma das versões mais aceitas diz que toda essa região era ocupada por extensa mata e vivia povoada por animais ferozes e grupos indígenas, dos quais não se tem informação precisa. A região também se notabilizou por ter recebido, no final do século XIX, grandes levas de imigrantes alemães, italianos, poloneses, russos, holandeses, dentre outros. A família Fermatti, no entanto, foi uma das pioneiras, tendo lá chegado muito antes dos europeus citados. O primeiro membro da família, o velho Petrônio Fermatti, tataravô de Anna Fermatti, chegou no longínquo ano de 1745. Como visto anteriormente, ele fugiu da Itália em um navio, embora tenha conseguido esconder, durante toda a sua vida, esse fato da família que constituiu no Rio Grande do Sul.

UMA VOCAÇÃO DIFERENTE

A mais de 400 km de distância de Colônia, na cidade de São Gabriel, também no Rio Grande do Sul, um rapaz de 21 anos tocava magistralmente um piano na igreja, durante a missa. Após o término da cerimônia, e alguns elogios vindos dos fiéis, ele recolheu seus materiais e se preparava para sair, quando ouviu uma voz:

³ Palavra utilizada na região do Cone Sul. *Estância* (do espanhol *rioplatense estancia*) é o estabelecimento rural destinado especialmente à criação de gado bovino, podendo haver também ovinos ou equinos (nota do autor).

⁴ Alguns moradores da região também usam o termo *pra fora* para designar que é na campanha ou zona rural. Exemplo: Ele mora *pra fora* (nota do autor).

— Meu jovem, você é um talento nato! Já está fazendo quase dois anos que você voltou. Tem certeza de que tomou a decisão mais acertada? — perguntou um senhor de batina.

— Obrigado pelas palavras, padre Augusto! Fiquei um ano no seminário, e foi uma época fantástica em minha vida. Aprendi bastante sobre a graça de Deus e sobre a nossa querida Igreja — respondeu o rapaz um pouco desanimado.

— Exatamente por isso lhe pergunto, caro Honório Santos. Não é hora de reconsiderar a decisão e voltar para o seminário? Suas habilidades com música te tornariam um sacerdote de mais valor — insistiu padre Augusto.

— Agradeço-lhe as gentis palavras, padre. No entanto, durante todo o tempo em que estive lá, refleti muito e percebi que minha vida é servir à Igreja, mas de outra forma. Já comentei isso com o senhor diversas vezes: eu posso ser um leigo e prestar minha pequena contribuição, como tenho feito aqui. Eu me comprometi com o senhor de vir, pelo menos uma vez no mês, tocar na missa. Além disso, estou feliz com as atividades que tenho exercido na estância da família Toledo.

— Mas esse é um trabalho pesado e não condiz com a sua trajetória de estudos no seminário! — disse ainda, inconformado, padre Augusto.

— É um trabalho que gosto, padre. Minha vida é cavalgar por esses rincões da nossa *campanha*⁵. Subir e descer *coxilhas*⁶ em busca do gado. Vivenciar o dia a dia da estância. Estou aprendendo o máximo que posso.

Ainda sem se sentir vencido, padre Augusto disse a Honório:

— Aquele filho do senhor Firmino Toledo não é uma boa companhia para você, Honório.

Padre Augusto se referia a Enrique Toledo, três anos mais velho que Honório, que havia sido designado pelo pai para ser o tutor do jovem músico em seus primeiros passos na estância.

Uma estância tradicional no sul do Brasil é, geralmente, formada pela casa onde moram o proprietário e sua família; pelo galpão onde vivem os peões, um reduto estritamente masculino; pela casa do capataz,

⁵ O mesmo que zona rural. Alguns moradores da região também usam o termo pra fora para designar que é na campanha ou zona rural (nota do autor).

⁶ Coxilha é uma colina localizada em regiões de campos, podendo ter pequena ou grande elevação, em geral coberta de pastagem. Esse tipo de relevo é encontrado principalmente no Rio Grande do Sul, na região dos Pampas, também denominada Campanha Gaúcha (nota do autor).

onde ele vive com a família; pelos currais, para aprisionar o gado, e pelas chamadas invernadas, onde o gado é cuidado. Hortas e lavouras não são muito comuns; existem apenas para a subsistência da família, como era o caso dos “Toledo”, naquela época. Tradicionalmente, a preferência do gaúcho é a criação de gado.

— Não se preocupe, padre Augusto. Após dois anos de trabalho na estância, já percebi o temperamento difícil do senhor Enrique. Também sei de suas aventuras e artimanhas. Por outro lado, ele me explicou grande parte do serviço que agora consigo realizar com alguma destreza, por isso eu lhe sou grato. Atualmente, quase não temos contato direto.

— E não são amigos?

— De forma alguma. Enrique é filho do meu patrão. Apesar de regularmos em idade, isso não nos faz próximos.

— Mas eu sei que ele gosta de um bom *trago*⁷ — provocou o padre, fazendo menção à bebida.

E completou:

— E também gosta de aventuras com moças de pouca fama.

— É verdade, mas o senhor bem sabe que eu não seria companhia para bebida, tampouco para buscar aventuras amorosas desregradas. Aquele quase um ano que estive no seminário, se não me fez um padre como o senhor, tornou-me um cidadão de respeito, cumpridor de minhas tarefas e seguidor das orientações do Pai Celestial.

— Muito bem, meu filho! Fico satisfeito que você continue seguindo o caminho reto, sem se desviar. De qualquer forma, tome cuidado. O diabo é astuto e pode criar desejos difíceis de suportar. Reze diariamente. Não dê ouvidos às facilidades do mundo. Mantenha-se vigilante.

Honório sabia que padre Augusto não iria poupá-lo dos intermináveis conselhos. Mas, como um bom ex-seminarista, tinha paciência de ouvir tudo atentamente. Sabia que ele agia como um pai que quer o melhor para o filho. Após agradecer as palavras do religioso, despediu-se e retirou-se da igreja.

⁷ O mesmo que bebida alcoólica. Termo utilizado com frequência na metade sul do Rio Grande do Sul (nota do autor).

A VIDA NO CAMPO

As atividades de Honório na estância eram diversas. Trabalhava na lida com o gado e ajudava em afazeres na pequena lavoura e no casarão. Suas habilidades e seu bom trato com as pessoas recomendavam-no a postos mais altos junto à família Toledo. Todavia, apesar de reconhecer os esforços e valores do jovem Honório, o patrão, Firmino Toledo, não concedia mais autonomia ou promoção ao rapaz, principalmente por causa da resistência promovida de seu filho, Enrique.

— Honório tem feito um bom trabalho aqui na estância — disse certa vez o patriarca ao filho.

— Outros têm feito trabalho semelhante, papai. Ele tem o seu valor, no entanto é necessário ter pulso firme para tratar os peões, e não a conversa educada e gentil dele. Aqui é terra para desbravadores, e não para pregadores — retrucou Enrique.

— Ao que me consta, nunca me disseram que ele tentou pregar aqui na estância.

— Não digo pregar o Evangelho, mas sim a convivência pacífica e a tolerância. Isso não me agrada nele. A bravura e a crueldade são necessárias em nosso trabalho.

— Disso você tem razão. Não se consegue controlar os peões se não for com o sangue fervendo. Mas, ainda assim, mesmo agindo contrário ao que se espera, Honório tem conseguido bons resultados com eles.

— Na primeira desavença, os peões vão se rebelar. Não acredito que dessa forma ele conseguirá sucesso por muito tempo. Por isso, temos que tirar um pouco de poder das mãos dele.

Meio a contragosto, o velho patrão, Firmino Toledo, apesar dos constantes elogios ao ex-seminarista, não promoveu nenhuma ação no sentido de valorizar o trabalho de Honório, mesmo sendo visível seu bom trabalho na lida do campo. Nem por isso havia algum tipo de reclamação por parte de Honório.

Após semanas de trabalho direto na estância, sem retornar à cidade, mais uma vez, o jovem Honório pôde voltar à casa dos pais, numa sexta-feira, e se preparar para mais uma missa de sábado na igreja. Teria uma semana livre e estava empolgado por poder rever os amigos e parentes. Geralmente trabalhava três a quatro semanas, confinado na estância e depois tinha uma semana livre na cidade.

A INCOMPREENSÃO DO MARIDO

Pouco mais de uma hora após ter conversado com o diácono Tobias, Anna e sua filha entravam finalmente em casa, situada algumas quadras de onde estavam. Ao chegar, Anna encontrou sua ajudante com Filipo. Deixou sua bolsa na cadeira e lhe disse:

— Filipo se comportou bem, Sarah?

— Sim, dona Anna. Ele é um bom menino, às vezes um pouco inquieto somente.

Filipo era irmão de Elena, filho de Anna Fermatti e de Sérgio Espósito. Era uma criança com necessidades especiais, que emitia apenas sons, sem nenhuma relação com as palavras conhecidas. Desde o parto, Anna percebera que ele era diferente. Ela podia sentir isso. Filipo era dois anos mais velho que Elena.

— Ainda bem que já voltaram, já era hora! — disse Sérgio Espósito, entrando, na sala da casa, com uma cuia de chimarrão na mão e uma garrafa térmica na outra.

— Estivemos com o doutor Saraiva, depois fomos à igreja conversar com o padre Enrico Vitali.

— Espero que traga boas notícias. Já temos um problema na vida, que é este menino. Ter dois, ao mesmo tempo, seria um suplício para qualquer casal.

Anna Fermatti ouvia pesarosa as palavras do marido. O dia não tinha sido fácil. Primeiramente a visita ao médico, que não acreditava nos acontecimentos pelos quais sua filha passava, depois a falta de apoio do padre, e agora a incompreensão do marido. Em uma época em que as mulheres eram submissas aos maridos, não lhe restou outra alternativa a não ser escolher bem as palavras para respondê-lo:

— Senhor, o médico disse que nossa filha não tem nenhuma enfermidade e que tudo não passa de ilusão. Receitou um calmante e recomendou que ela fizesse repouso absoluto. Ele me pediu para evitarmos, por enquanto, que ela tenha contato com as pessoas, a fim de não a expor.

— Ilusão? Não foi o que me falaram. Esses médicos não sabem de nada! — disse o arrogante estancieiro.

— Mas ele falou que fisicamente ela não tem nada.

— Não foi o que parecia, segundo vários amigos meus que presenciaram a cena. Esta menina tem problemas! — retrucou Sérgio.

Depois se deu conta de que a filha o via, assustada, em um canto da sala. Sérgio tratou de diminuir a severidade de suas palavras e dirigiu um olhar mais sereno à menina, dizendo-lhe:

— Não se assuste, minha filha. Sei que não é culpa tua o que está acontecendo. Em breve estará melhor. Tome um mate amargo! — disse o pai da criança, oferecendo-lhe a cuia de chimarrão.

Elena segurou a cuia e sorveu a água quente. Após algumas tragadas, entregou-a ao pai e disse:

— Papai, eu estou bem. Aquelas coisas não vão mais acontecer.

— Tenho certeza, minha filha.

E virando-se para Anna, perguntou:

— E o que disse o padre?

Anna Fermatti olhou para Elena e, em seguida, para o marido. Parecia que estava em dúvida se lhe falava a respeito. Para ganhar tempo, pediu que Sérgio lhe passasse a cuia de chimarrão para tomar a bebida. Após sorver um pouco do mate, ela disse:

— O padre Enrico, diferentemente do médico, acredita que há alguma manifestação espiritual maligna. Para ele, há de se fazer um trabalho de cura espiritual. Mas acho que é exagero da parte dele.

— Espero que isso não aconteça novamente. Já temos problemas suficientes com o Filipo, ter também com a Elena seria demais para mim!

— Mas o que Filipo fez dessa vez, senhor?

Sérgio Espósito olhou para a esposa e não disse nada. Foi até ao quarto e trouxe um monte de *pelegos*⁸ que a família utilizava para forrar as cadeiras no *frio de renguear cusco*⁹ do Rio Grande do Sul. Na verdade, eram tiras dos pelegos, pois eles estavam parcialmente estraçalhados. Anna olhou assustada para aquilo e, antes que pudesse dizer alguma coisa, ouviu de seu marido:

— Ele foi capaz de encontrar a tesoura e cortou alguns destes pelegos. E agora eu me pergunto — disse, virando-se para a empregada — Onde você estava nessa hora?

— *Bah*, senhor, não foi descuido de minha parte. Provavelmente foi no momento em que eu estava estendendo as roupas no varal. Não foi mais

⁸ Pele de carneiro com a lã. Geralmente essa pele é colocada sobre os assentos para tornar o local mais confortável (nota do autor).

⁹ “Renguear” é um regionalismo gaúcho e significa tremer, mancar. “Cusco” vem do espanhol e quer dizer cachorro. A expressão “frio de renguear cusco” é utilizada, no Rio Grande do Sul, e significa “frio rigoroso” (nota do autor).

do que vinte minutos, e o Filipo parecia estar tão entretido rabiscando aqueles papéis, que *daí* julguei que ele não prestaria atenção em minha rápida ausência.

— Está vendo, Anna, o que tu me *trouxe* na vida? Somente prejuízos! Um *piá*¹⁰ que não fala e que nunca poderá me ajudar nos trabalhos na pecuária e agora uma *guria*¹¹ que vê fantasmas! — disse Sérgio, pegando a cuia de chimarrão e a garrafa térmica que estavam sobre a mesa. Saiu pela porta principal da casa após desferir aquelas pesadas palavras para a esposa, a empregada e os filhos, que assistiam à cena.

A insensibilidade do estancieiro era evidente. Sérgio nunca admitira as dificuldades motora e linguística de Filipo. Ele, que esperava ter um filho que pudesse ser seu sucessor nos trabalhos na pecuária, se deparara com um ser aparentemente frágil e sem consciência de seus atos.

Por sua vez, Anna refletia sobre o acontecido e, em seu íntimo pensava: “Em apenas vinte minutos, Filipo foi capaz de largar os papéis que rabiscava, encontrar a tesoura e os pelegos e fazer todo aquele estrago neles? Isso não demonstra uma inteligência?”.

Era certo que sim. Anna Fermatti não sabia, mas a essa mesma dedução chegara sua filha de dez anos. Ela tinha muito carinho pelo irmão e sentia que ele tinha algo parecido como uma “inteligência aprisionada” em seu corpo, embora com evidentes limitações físicas. Se essa inteligência não se manifestava da forma considerada “convencional”, ela ocorria por outros meios. Assim pensavam mãe e filha. Por outro lado, o pai e a empregada não pensavam como elas. Ambos viam em Filipo alguém totalmente desprovido de compreensão do mundo em que habitava.

Anna percebeu que Sarah, ainda assustada com o que havia acontecido, olhava com pena para Filipo. Em um primeiro momento, sua ideia foi reprimir a atitude da empregada, pois ela havia deixado o menino sozinho por vinte minutos. Depois reconsiderou o que tinha em mente e avaliou os diversos serviços prestados por ela. Embora soubesse que Filipo tinha uma inteligência reprimida, devido às suas necessidades especiais, tinha de admitir que cuidar dele não era uma tarefa fácil, pois, ao mesmo tempo, que ele estava parado em um canto, poderia sair em disparada e derrubar pessoas e coisas pela casa. Nesse aspecto, Sarah sabia, como ninguém, abordar o menino e devolvê-lo à certa tranquilidade.

¹⁰ O mesmo que menino (nota do autor).

¹¹ O mesmo que menina (nota do autor).

Anna limpou a mesa suja de erva-mate derrubada pelo marido e, ao terminar, pediu que a empregada levasse Filipo para o quarto dele. Anna, então, segurou a mão de Elena e a levou para seu dormitório.

PESADAS LEMBRANÇAS

A delicada mãozinha de Elena tremia ao segurar a da mãe. Era notório que ela estava assustada. Ao chegarem ao quarto, a menina disse:

— Mamãe, o Filipo não é um inválido. Ele tem suas dificuldades, mas é um guri muito querido por todos nós. Eu me sinto muito bem com meu irmão.

Aquelas doces palavras da filha foram um alento para Anna, após o duro diálogo que teve com o marido. Tinha certeza de que era verdadeiro e sensato o que dizia Elena. Deu um beijo na testa da filha e pediu para que ela descansasse um pouco. Encostou a porta do quarto e foi, sozinha, para a sala. Sentou-se no sofá e ficou refletindo sobre os acontecimentos daquele dia.

Anna foi se lembrando de alguns trechos da conversa com o doutor Augusto Saraiva.

— Minha senhora, qual criança não brincou com seus amigos imaginários? Isso é perfeitamente normal. Quase todas passam por isso! Mas esses amigos imaginários são isso mesmo: imaginários! Eles não existem!

— Mas e em relação àqueles objetos, doutor?

— Vocês estão impressionados. Pode ter sido algum estalo ou a força do vento. Sempre existe explicação para tudo.

— Então, para o senhor, a minha filha não tem nenhuma enfermidade?

— Com certeza não tem nada. Na idade dela, é muito comum essas impressões e até conversas imaginárias. Aos poucos a criança vai percebendo a realidade do mundo à sua volta, se concentra mais na vida e deixa essas fantasias. Provavelmente, em pouco tempo, Elena vai parar com isso. Ela se dará conta de que já será uma mocinha, terá muitas amiguinhas e verá que não condiz falar certas coisas.

— É... Creio que o senhor tem razão. Meu marido está *atucanado*¹² com essa situação. As pessoas espalharam que a Elena está possuída, e os amigos foram conversar com ele a respeito.

¹² No texto a palavra está no sentido de “preocupado”. No entanto essa gíria gaúcha também pode significar nervoso, ocupado ou atrapalhado (nota do autor).

No momento daquele diálogo, a pequena Elena não estava dentro do consultório. A pedido do médico, a conversa havia sido reservada aos dois.

— Não há com que se preocupar, dona Anna.

— O senhor sabe que já temos grandes dificuldades em lidar com a situação do Filippo, não é?

— Sim, estou ciente. O Filippo é um bom guri. Tem os seus acessos, de vez em quando, mas faz parte da natureza da criança com necessidades especiais.

— Meu marido nunca aceitou a situação dele — disse, tristemente, a mulher.

— Realmente é algo complicado, senhora. A família tem que passar por muitas mudanças para acolher um filho que precisa, a todo momento, de cuidados especiais e de vigilância constante. Mas, assim como Elena, ele não tem nenhum problema de saúde. Apenas as dificuldades provenientes de suas limitações intelectuais.

— Fico mais tranquila com essas palavras, doutor.

Após a conversa, a menina Elena foi chamada ao consultório para ser avaliada pelo médico.

Anna Fermatti ainda estava sentada no sofá de casa, envolta naquelas preocupações, quando subitamente seu pensamento se voltou para a igreja e para a conversa, essa sim mais difícil, com padre Enrico Vitali. Aquele diálogo não saía de sua cabeça, e ela ponderou, mais de uma vez, se convinha chamar o religioso caso acontecesse outra “crise” com Elena. A mulher estremeceu no sofá ao relembrar o semblante do ajudante do padre.

“Meu Deus, que homem horripilante! Ele parece uma ave agourenta”, pensou Anna Fermatti ao se lembrar de Ptolomeu.

De fato, o ajudante do padre era uma pessoa que dava medo. Há anos ele auxiliava padre Enrico Vitali, em Colônia. Era ele quem limpava o templo, e era muito comum vê-lo perambular em volta da igreja altas horas da madrugada.

Seus hábitos noturnos e seu aspecto monstruoso levaram algumas pessoas de Colônia a apelidá-lo de Quasimodo, o famoso personagem central do livro *Notre-Dame de Paris*, do escritor francês Victor Hugo. O livro, também conhecido como “O Corcunda de Notre-Dame”, foi publicado em 1831 e era leitura obrigatória nas escolas da localidade,

em uma época em que o idioma e a cultura francesa tinham maior papel na educação e na formação dos estudantes.

As semelhanças de Ptolomeu com o Quasimodo de Victor Hugo paravam nos hábitos noturnos e em seu aspecto enigmático e horrendo. Diferentemente do personagem francês, o ajudante do padre não era corcunda, não badalava sinos (até porque a igreja não tinha), não possuía uma enorme verruga que cobria seu olho esquerdo, nem era apaixonado por uma bela mulher, como a Esmeralda do livro. Um outro fato, no entanto, o aproximaria posteriormente da história de Quasimodo.

A figura de Ptolomeu assombrava os pensamentos de Anna Fermatti. Aquele senhor de aspecto abominável também auxiliava nos serviços eclesiásticos e foi o responsável por contar a versão do acontecido com Elena para o sacerdote, no entanto de maneira extremamente ampliada. Versão essa que foi potencializada pelas palavras da beata Catarina, outra aliada do padre.

A mãe de Elena estava começando a se recordar das palavras do padre, quando percebeu que alguém entrava na sala.

A TESOURA

Anna virou o rosto e viu que era a empregada. Seu semblante parecia tranquilo, então ela imediatamente pensou: “Que bom, um problema a menos”. Todavia não deixou de perguntar:

— E como está o Filipo?

— Está bem, dona Anna. Eu o deixei no quarto, brincando. Tem horas que ele tem atitudes estranhas e, ao mesmo tempo, engraçadas.

— Como assim, Sarah?

— Ele está brincando com alguns objetos e começa a emitir sons como se estivesse conversando com alguém. *Daí*, do nada, ele estica a mão com um brinquedo como se estivesse entregando para outra criança, mas eu olho e não vejo nada. *Daí* ele está sentado e deixa alguns brinquedos perto dele e outros mais à frente, supostamente para outra criança. *Pobre bicho!*

Imediatamente Anna Fermatti se lembrou das palavras do doutor Saraiva: “Aos poucos a criança vai percebendo a realidade do mundo à sua volta e se concentra mais na vida. E deixa essas fantasias”.

“Só que, no caso específico do Filipo, isso nunca vai acontecer”, pensou ela, triste, mas resignada.

Anna olhou para a empregada e disse:

— Se isso o deixa feliz é o que importa!

— Sim, senhora. Com certeza!

Houve um minuto de silêncio entre ambas. Cada qual pensava sobre a situação de Filipo e como era difícil lidar com suas imprevisíveis reações. Por fim, uma delas rompeu o silêncio.

— *Bah!* Mas eu ainda acho estranha a história da tesoura — disse, despropositadamente, a empregada.

— Por quê?

— A senhora se lembra do que conversamos quando vim para esta casa, anos atrás?

— Sobre o que exatamente?

— Sobre deixar escondido qualquer tipo de instrumento que pudesse ocasionar cortes ou ferimentos às crianças. E não apenas pela situação especial do Filipo mas também por causa de Elena, pois se trata de dois *piás*.

— Sim, eu me lembro bem. Será que meu marido não deixou a tesoura à mostra, e *dai* o Felipo pegou?

— Não senhora. O senhor Sérgio não estava em casa, e ele não sabia onde eu escondia aquela tesoura. Aliás, ninguém aqui nesta casa sabia.

Anna Fermatti arregalou os olhos e ficou pensativa. Como Filipo poderia saber onde estava a tesoura? Por fim, disse:

— Provavelmente ele te viu guardar a tesoura no esconderijo, Sarah.

— Dona Anna, aquela tesoura estava escondida, há mais de um mês, naquele local. Estava atrás de todas aquelas latas. *Daí*, eu me lembro que o dia que eu coloquei a tesoura lá tive o cuidado de me certificar que nenhum dos guris estivesse por perto. Eu tenho noção de que, nas mãos deles, ela poderia virar uma arma letal.

— Tem certeza disso?

— *Tchê!* Juro pela minha finada mãezinha! Depois que guardei a tesoura ainda fui ver onde estava cada um deles. *Daí*, eu vi o Filipo no quarto, mexendo em uns brinquedos, e a Elena sentada na cama, lendo uma cartilha. Posso dizer que seria impossível que ele achasse a tesoura!

Anna ficou estarrecida com aquele relato. Só havia duas possibilidades. A primeira era que, de alguma forma, Filipo tivesse descoberto onde a tesoura estava. Mas como? A segunda era que a empregada não estivesse falando a verdade e que seu filho tivesse visto ela colocar a tesoura naquele esconderijo. Anna Fermatti continuava imersa nesses pensamentos quando a empregada, parecendo adivinhar as possibilidades imaginadas pela patroa, disse:

— A senhora pode ter certeza que eu estou falando a verdade. Eu juro por Nossa Senhora Aparecida, da qual sou uma devota fervorosa, que estou sendo verdadeira. Aquele guri não poderia ter achado a tesoura. Não onde eu coloquei, atrás da lata e ainda envolvida por aqueles panos.

A mãe de Elena ficou pensativa. Se Filipo não havia visto onde Sarah tinha colocado a tesoura, como ele chegou até ela? E, mesmo que alguém lhe tivesse dito, ela sabia que seu filho não seria capaz de compreender totalmente a fala de uma pessoa. Apenas com muitos gestos é que ele consegue ter uma vaga compreensão do que eles querem dizer.

— Será que alguém pegou a tesoura e entregou para ele, Sarah?

— *Tchê!* Em vinte minutos, alguém entraria na casa, pegaria a tesoura, *daí* entregaria ao Filipo e sairia sem que ninguém visse?

— Tens razão! Não é possível! Será que não foi a Elena?

— Minha senhora, a Elena estava contigo no consultório do doutor Saraiva, não lembra?

— É verdade. Estou tão cansada, física e psicologicamente, que nem me dei conta disso. Por favor, me desculpe! O dia foi muito agitado para mim.

— Eu entendo, senhora. *Bah!* Não deve ser fácil ter dois filhos com problemas tão grandes assim!

Anna Fermatti ia repreender a empregada alegando que seus filhos não eram problemáticos, porém, mais uma vez, resolveu ouvir calada, em vez de retrucar. Preferiu meditar um pouco mais sobre a possibilidade de Filipo ter realmente encontrado aquela tesoura. Por mais que pensasse, não conseguia chegar a uma explicação plausível para aquele acontecimento. Resolveu mudar o assunto da conversa com a empregada e falar sobre as festas da paróquia, que estavam se aproximando.

O AMIGO DE FILIPO

A conversa entre elas ficou animada. Quase uma hora depois, Anna se levantou e foi até ao quarto de Elena. Abriu a porta, que estava somente encostada, e disse:

- Achei que você já tivesse dormido, filha.
- Cheguei a cochilar, mas ele veio conversar comigo.
- Ele? Quem?
- O Giu.
- Quem é Giu?
- O guri que disse para o Filipo onde estava a tesoura.

Anna Fermatti ficou espantada com aquela afirmação da filha. Ficou curiosa para saber mais sobre o assunto.

— Então esse guri entrou aqui em casa, pegou a tesoura e a entregou para o Filipo? — perguntou à Elena. — Mas como ele entrou agora para te contar sobre isso, se não o vimos em casa?

E a dona da casa tratou rapidamente de correr à janela para constatar se via alguém.

- Mamãe, não adianta fazer isso — disse Elena, rindo daquela situação.
- Por quê?
- Porque a senhora não vai conseguir vê-lo.

Anna Fermatti ficou enfurecida. Achou que a menina estava zombando dela. Fechou a janela do quarto e olhou seriamente para a filha.

— Agora tu *vai* me contar direitinho esta história, gurria! Quem é esse Giu? Como ele entrou aqui em casa e pegou a tesoura? E como ele voltou agora *pra* te contar tudo isso?

- Tudo bem, mamãe. Vou só tomar um pouco de água e já vou te dizer.

Anna estava olhando a filha tomar água e pensando se haveria alguma explicação. Como aquele menino entrou em sua casa? Assim que terminou de se hidratar, Elena disse:

— Enquanto a senhora estava na sala conversando com a dona Sarah, o Giu entrou aqui no meu quarto. Eu estava sonolenta, quase dormindo, e ouvi uma voz me chamando.

— Oi, *mana*¹³! Acorda! Eu descobri onde estava a tesoura da dona Sarah, enquanto vocês estavam fora de casa.

— Quem é você? A mamãe não vai gostar de saber que tu *entrou* aqui no meu quarto.

— Fique tranquila, gurria. Ela não vai me ver.

— Qual é o teu nome?

— Pode me chamar de Giu — disse ele rindo.

— E por que tu me *chama* de *mana*?

— *Tchê*, porque tu é minha irmã. Mas como tu também é Giu, assim como eu, fica mais fácil eu te chamar de *mana* — disse ele rindo mais ainda.

— O meu mano é o Filippo, e não tu! E eu não sou Giu, sou Elena!

— *Tá* bom, não vamos brigar. Não quer saber como eu achei a tesoura?

— Sim, quero. Conta aí.

— No dia que a dona Sarah guardou a tesoura, a pedido do seu Sérgio, eu fiquei na espreita na cozinha. Foi muito fácil saber como ela escondeu.

— Mas ela não te *viu*, guri?

— Claro que não. Quase ninguém me vê.

— Por que não?

— Porque ninguém me procura mais desde que eu fiquei preso naquele lugar...

— Estranho isso... — disse Elena, um pouco sonolenta. — Acho que estou dormindo.

— Acorda, gurria! — disse Giu em voz mais alta e despertando Elena.

— Não fala tão alto assim que a mamãe vai descobrir que tu *tá* aqui, *teu louco*!

— Ela não pode me ouvir! — disse ele, rindo cada vez mais alto.

— *Tá* bom, me conta então como tu *avisou* o Filippo.

— Esperei o melhor momento, quando só estivesse o *nôno* e a dona Sarah. Quando vocês saíram de casa, e ela foi estender roupa no varal, eu agi. Na verdade, eu havia comentado sobre a tesoura com o *nôno* e ele já sabia onde ela estava. Os vinte minutos foram apenas para ele executar o plano. Quando a empregada foi no quintal, eu trouxe o *nôno* pela mão até à cozinha, abrimos o armário, arredamos aquelas latas e desembrulhamos

¹³ Forma carinhosa para designar a irmã (nota do autor).

a tesoura. Foi tudo muito rápido. Ah, ele também já sabia o que eu tinha em mente: pegar os pelegos e cortá-los!

— Que plano maléfico! — disse Elena, rindo.

Mal acabou de pronunciar aquelas palavras, a filha de Anna Fermatti se deu conta de uma coisa e perguntou:

— *Peraí*, guri! Por que tu *tá* chamando o Filipo de *nôno*?

— Ah, Filipo é um nome muito difícil de falar. *Nôno* é mais bonito. Eu o chamo assim, e ele prefere. E tem mais a ver com a gente.

— Tu é meio louco, mas é um guri legal. Espero que a mamãe não te veja aqui, senão ela vai brigar com a gente.

— Não se preocupe, guria. Já te disse que ela não pode me ver.

— E se eu chamar o Filipo de *nôno*? Será que ele também vai gostar?

— Certamente que vai gostar — disse Giu, rindo novamente.

— E o que aconteceu depois de cortarem os pelegos?

— *Bah*, nem queira saber. A dona Sarah entrou dentro de casa e viu aqueles pedaços de pelego cortados e espalhados no chão, e o *nôno* sentado e rindo. Para piorar a situação, naquele exato momento, o seu Sérgio abriu a porta da casa e se deparou com aquela cena. Teu pai gritava tanto com o *nôno* e a empregada que até meus ouvidos doeram! O *nôno* olhava para mim com cara de felicidade, e eles ali nem sabiam a razão do riso dele.

— Que maldade vocês fizeram! Por que fez isso?

— Não sabe, *mana*?

— Para de me chamar de *mana*. Não sou tua irmã.

— É sim, queira tu ou não — Giu não se continha de tanto rir.

— Não vai dizer o porquê?

— Para teu pai, o seu Sérgio, dar mais atenção para o *nôno*.

— Mas parece que o plano não deu certo, né? Porque o papai ficou mais furioso ainda com o Filipo.

— Calma, *mana*. Ele só ficou assim naquele momento. Vai passar.

— Como tu *sabe* disso?

— Porque eu sei que o seu Sérgio gosta muito do *nôno* e de ti. Pena que ele tem algumas atitudes erradas que não posso dizer agora. Mas, no caso de vocês, ele perde a cabeça às vezes porque trabalha bastante e porque os amigos dele da estância debocham de vocês dois...

Giu custou a completar a frase. Parece que se deu conta de que não deveria ter dito aquilo à Elena.

— Por que debocham da gente?

— Nada não.

— Agora fala, *guri de merda*¹⁴!

— Não fala assim comigo, *mana* — disse Giu, rindo bastante. — Lembra que eu deixei o caminho livre *pra ti* ficar sozinha com o papai e a mamãe tempos atrás! Tu me *deve* essa!

— Não sei do que tu *tá* falando. Ah, tu *tá* inventando outra conversa para não me falar do deboche. Anda! Fala logo!

— Não estava, mas essa é outra história, deixa *pra lá*. Aconteceu há muito tempo. Os amigos do seu Sérgio dizem que ele tem dois filhos sem capacidade. Um tem necessidades especiais, ou seja, totalmente desprovido de contato com a realidade, e a outra... Bem, a outra... Eles dizem que está *louqueando*¹⁵ — Giu não parava de rir.

— Por que dizem isso? Eu não estou *louqueando*! O médico disse que estou bem.

— Falam por aí que tu *vê* fantasmas — disse Giu, olhando para o teto.

— Credo! Nunca vi nada disso, *guri*. Devem *tá* falando isso por causa daquele dia. A culpa foi daquele senhor de barbas brancas que estava brabo, derrubando as coisas pelo chão. Eu me assustei mesmo e não tinha como parar de gritar. Eu estava com muito medo. Só não entendi por que as pessoas não fizeram nada contra aquele *vêio*.

— Vai ver que era porque ninguém via ele, somente tu — disse Giu, olhando novamente para cima. — Igual a mim, só tu me *vê*.

— Por que isso acontece?

— Digamos que tu *tem* uma habilidade especial.

— E tu *conhece* aquele *vêio*?

— Eu o vi, a primeira vez, há muito tempo. Bem antes de deixar o caminho livre *pra ti*.

— Quando?

— Tu não *era* nascida ainda, *mana*.

¹⁴ O mesmo que “menino insolente”. Expressão usada no Rio Grande do Sul (nota do autor).

¹⁵ Algo como: “que se torna louco”. Palavra utilizada no Rio Grande do Sul (nota do autor).

— Como assim não era nascida? Tu *deve* ter a mesma idade do que eu!
— Isso não importa, *mana*. Esse *vêio* apareceu depois em nossa família. — Giu falou mais baixo a última frase.

— Da nossa família? E ele era brabo daquele jeito?

— A mesma coisa. Derrubava tudo o que via pela frente. Um horror! Seu comportamento ainda é fruto dos seus pesados débitos do passado. Mas quem sou eu para falar disso, se ele e eu já fomos cúmplices em eras mais remotas? Ah, e foi ele que persuadiu o *nôno* a tomar aquela atitude drástica quando a nossa família percebeu que eu sumi.

— Eu não estou entendendo nada.

— Nem precisa! Agora tenho de voltar para a minha sina e retornar para aquele lugar triste. Um dia isso ficará claro *pra ti*, e, quem sabe, eu possa ser perdoado dos meus erros! Tenho que ir. Daqui a pouco, tua mãe vem para o quarto.

— Volta aqui! Tem que me explicar isso direito. E como tu *vai* se esconder dela?

Elena mal acabou de completar a frase, e já não via mais ninguém.

AS RECORDAÇÕES DE HONÓRIO

Enquanto isso, em São Gabriel, Honório tinha terminado de participar de mais uma missa. Novamente ouviu conselhos do padre Augusto, após o encerramento da cerimônia. Ao sair do recinto, resolveu ficar sentado em um banco da atual Praça Dr. Fernando Abbott e contemplar as pessoas caminhando, as carroças passando e as crianças brincando. Dali ele pôde ver, ao longe, a rua que hoje é o calçadão da cidade.



O músico e trabalhador de estância começou a se lembrar dos últimos anos, desde que deixou o seminário em Gravataí. “Que saudades que tenho da rotina do seminário, das orientações dos padres e dos amigos que fiz por lá.”

Aos poucos, à medida que anoitecia, menos pessoas circulavam na praça, o que favorecia a concentração de Honório em seus pensamentos. De súbito sua mente retornou um pouco mais no passado, há mais de três anos, quando estava partindo de São Gabriel em direção ao seminário. Era 1939, apenas um ano antes tinha sido inaugurado o seminário no qual ele teria a formação visando ao sacerdócio. Poucos candidatos foram agraciados com a oportunidade de, logo nos primeiros anos, fazer parte daquela escola cristã.

— Caro Honório, tenho certeza de que, daqui a alguns anos, estará me auxiliando nesta paróquia — disse entusiasmado padre Augusto, dando-lhe um pequeno crucifixo de madeira que estava dentro de uma caixa metálica.
— Quero que receba uma recordação do seu velho amigo.

— Obrigado, padre Augusto!

— Teu tio-avô foi padre aqui no Rio Grande, Honório. Será mais um da família a se dedicar a tão importante vocação — disse uma de suas tias.

— Meu filho, venha nos visitar sempre que possível. Arrumei a sua mala, e não está faltando nada! — falou sua mãe, dona Filomena Santos, com uma ponta de orgulho e outra, maior ainda, de receio pela sua partida.

— Eu preferia que tu *ficasse* por aqui, meu filho, mas, se é da tua vontade partir, eu te desejo sucesso! — disse seu pai, Antônio Santos, ainda na expectativa de que seu filho mudasse de ideia.

Minutos depois apareceu um calhambeque, um Ford 1929, e o motorista perguntou:

— Vamos, senhor Honório?

Honório despediu-se dos familiares e partiu, pelas estradas de terra, em direção a Gravataí. O motorista também iria à cidade, mas não para o seminário. Era um antigo conhecido do seu pai. Após muitas horas de viagem, eles finalmente chegaram ao destino. Honório foi deixado bem em frente ao seminário, e um senhor já esperava por ele. Era o responsável pela instituição.

— Aqui temos o nosso representante da *fronteira*¹⁶! — disse Monsenhor Alberto, diretor espiritual do seminário, apresentando Honório a algumas pessoas.

— Agradeço a oportunidade de me receberem, senhor. Farei o melhor possível para retribuir tamanha confiança — falou Honório.

O jeito educado e simples do moço *gabrielense*¹⁷ rapidamente cativou o diretor.

Monsenhor Alberto encaminhou Honório a um setor onde ficavam os alojamentos. A maioria dos seminaristas dividia o quarto com um companheiro. Após abrir a porta de um deles, o diretor disse ao rapaz que estava em seu interior:

— Boa tarde, Tobias! Este aqui é o Honório. Vocês serão companheiros de quarto e, espero, também de sacerdócio.

Honório cumprimentou seu colega, colocou uma mala e uma bolsa no chão e, em seguida, fechou a porta, pois faria algumas visitas com o diretor. Em pouco mais de meia hora, ele conheceu as instalações da instituição, seus principais superiores e alguns professores. Nesse meio-tempo, ele

¹⁶ O nome "fronteira" se deve ao fato de que a região da Campanha Gaúcha, onde fica o bioma Pampa, se localiza, na metade sul do Rio Grande do Sul, e faz fronteira com o Uruguai e a Argentina. A cidade de São Gabriel fica nessa região (nota do autor).

¹⁷ Relativo à cidade de São Gabriel, Rio Grande do Sul. Natural ou habitante dessa cidade (nota do autor).

foi informado, brevemente, sobre o funcionamento geral do seminário. O rapaz ouvia atentamente cada palavra, para que não se esquecesse de nada. Apesar de um pouco assustado com a imponência do lugar e por estar muito longe de casa, ele se animava a começar logo a frequentar as aulas e a participar dos cultos.

Ao terminar a visita, Honório se preparava para retornar ao seu quarto, quando o diretor o avisou:

— Todos devem estar religiosamente no refeitório às 20h para a oração coletiva e, logo após, o jantar será servido. Apenas em caso de viagens ou de enfermidade, o estudante poderá se ausentar — disse o diretor, deixando bem claro as regras da casa.

Honório voltou rapidamente ao quarto, e seu colega não mais estava. Percebeu que se aproximava o horário da oração coletiva. Pegou um casaco e partiu. Ao entrar no refeitório, Honório viu dezenas de jovens que, como ele, se preparavam para o sacerdócio. Alguns já estavam no segundo ano de curso e pareciam mais familiarizados com o local. De longe avistou Tobias, que lhe fez um sinal para que se aproximasse e se sentasse com ele.

— Olá, Tobias! Obrigado por me convidar para jantar em sua mesa!

— Olá, Honório! Não precisa agradecer. Seremos companheiros de quarto, então é importante que tenhamos este contato. No dia a dia dos estudos, e com a cobrança dos nossos afazeres, será difícil termos tempo para conversar. Apenas nas refeições é que geralmente o tempo se torna mais disponível. A propósito, de onde tu és?

— Sou de *San Gabriel*. Conhece?

— Fica na fronteira, não é? Próximo a Alegrete.

— Exatamente. E tu é de onde, Tobias?

— Sou de uma localidade conhecida como Colônia. Fica na região de Santo Ângelo e Santa Rosa.

Na época em questão, em 1939, a cidade de Independência, no Rio Grande do Sul, ainda não existia formalmente. A região de Colônia ficava onde hoje se situam os municípios de Santo Ângelo e Santa Rosa. Posteriormente, houve o desmembramento de uma grande região, e uma parte deu origem a Três Passos, em 1944, ou seja, cinco anos após a presente história. De uma parcela dos três municípios anteriores, em 1954, surgiu Três de Maio. Finalmente em 1965, uma parte desses municípios (a que continha Colônia) deu origem à cidade de Independência.

O SONHO DE TOBIAS

Honório e Tobias tornaram-se grandes amigos. Conversavam sobre os estudos, sobre a vocação para o sacerdócio e sobre filosofia, uma paixão que eles tinham em comum. O primeiro semestre letivo de 1939 foi um período de muito aprendizado para os dois amigos, bem como de salutar convívio com os demais colegas e funcionários do seminário.

Como soube que Honório também era um hábil músico e que se apresentava nas missas em São Gabriel, Monsenhor Alberto periodicamente o convidava para tocar no piano da instituição. De seu dedilhar, saíam maravilhosas músicas sacras que encantavam a todos daquele lugar. A música tocada por ele, e por outros estudantes do seminário, dava mais vida à instituição e dava a todos a certeza de que havia algo de divino naquele lugar.

— Parabéns pela música, Honório! Suas habilidades são fantásticas. Creio que deve ter treinado bastante para poder tocar desta forma — disse um dos professores do seminário.

— Sim, senhor. Eu sempre senti que tinha o dom para a música. Desde criança que ouvia uma tia tocar piano e comecei a aprender com ela as primeiras notas musicais. Assim, eu me aventurei na música.

— Ela foi sábia em te ensinar e nos deu o privilégio de poder te ouvir tocar este piano.

— Além da música, eu também gosto muito de cavalos e da lida campeira. Aprendi com meu pai e com o meu tio, esposo dessa minha tia.

— Mas é um trabalho puxado e que exige muita força física. Tenho certeza de que teu destino está no sacerdócio e na música.

— Espero que sim.

Honório disse a última frase com pouca confiança. Parecia que ele não tinha muita certeza do caminho que estava trilhando ali naquela instituição.

Conversava bastante com seu amigo Tobias, mas ainda não havia lhe falado sobre suas dúvidas. Achava que deveria aguardar, um pouco mais, para ver se não descobria sua vocação para ser padre.

Dentre as mais variadas conversas que tinha com seu companheiro de quarto, uma lhe chamou mais atenção, e ele até fez anotações sobre ela. Honório recordava-se dela naquele fim de tarde e início de noite, na praça central em São Gabriel.

— Honório, recentemente tive um sonho bem estranho. Foi um mês antes de vir aqui para o seminário.

— Um sonho? De que tipo?

— Sonhei que estava em outra época, talvez medieval, não sei, em um país diferente do Brasil. Não soube precisar onde, talvez Espanha ou França.

— Mas o que viu no sonho?

— Umhas cenas se repetiram algumas vezes em sonhos de outras noites, por isso eu achei estranho. Parecia tudo tão real.

— Por favor, conte o sonho! Estou curioso.

— Era uma praça, tinha uma enorme multidão. Era de noite, e algumas pessoas tinham algo semelhante a tochas nas mãos.

— Não havia postes e energia elétrica?

— Não... não... Era uma época antiga, como lhe falei. Não tinha nada das modernidades de hoje em dia. Eu via carruagens passarem, e as casas tinham aspectos diferentes. Não sei se pela época ou por não ser no Brasil.

— Mas o que aconteceu no sonho?

— Estava acontecendo alguma coisa na praça. Como eu disse antes, uma multidão gritando em direção a uma casa. A multidão estava inflamada e cobrando alguma coisa. Pelo sonho, parece que eu cheguei um pouco atrasado, com uma amiga. Era uma freira, agora me lembro. Pelas roupas que ela vestia, isso é certo. Era uma freira.

— E o que mais tu viu?

— Vou lhe contar, mas o que eu disser aqui fica entre nós. Pode soar como sacrilégio se alguém souber disso.

— Eu concordo, mas por que soaria como um sacrilégio?

— Porque era uma conduta, digamos, errada de um membro da Igreja.

— Não se preocupe, não contarei isso a ninguém. Confie em mim!

— De acordo. Vou continuar a contar. No meio daquela multidão, havia um eclesiástico muito importante. Deduzo que era um cardeal ou talvez um bispo. Era ele que estava incitando a multidão contra aquela mulher. E, pelo que entendi dos sonhos, ela era inocente.

— Uma mulher? O que ela fez?

— Entenda que eu não sonhei isso tudo uma vez apenas. Era como se fossem peças de um quebra-cabeça. Parecia que, a cada noite, eu sonhava uma “peça” diferente. Fiquei muito assustado e me perguntando: o que Deus quer me avisar?

— Não se cobre, amigo Tobias. Pode ter sido apenas um sonho ou algo para servir para teu aprendizado. Por favor, continue!

— A multidão estava na praça naquela noite, sendo incitada pelo religioso. A casa da mulher ficava em frente à praça. Eu vi alguns homens trajados com roupas e emblemas do Vaticano e que chegaram a cavalo. Eles entraram na casa da mulher, e a multidão gritava, em uníssono: bruxa, bruxa!

— Quantos detalhes, estou impressionado. O que mais aconteceu?

— Retiraram a pobre mulher de sua casa e, ao que parece, encontraram provas que a incriminavam. Mas, não sei por que, eu sabia que ela era inocente e que era vítima daquele cardeal ou bispo.

— Uma bruxa?

— Sim e não. Para a multidão era, mas eu sabia que não. Aliás, quando a vi, eu tive certeza de que ela era tão minha amiga quanto a freira que estava ao meu lado. Depois que a retiraram da casa, aconteceu algo que me deixou com mais pavor.

— Continue.

— Eu ouvi o religioso que a acusava dizendo algo mais ou menos assim: *Nossa cidade estará limpa dos perseguidores do Cristo. Os praticantes de bruxaria, aliados do próprio demônio, devem ser banidos e responder por seus crimes.* Eu lembro que fiquei tão assustado que acordei, durante a noite, e fiquei pensando naquela frase. Depois de quase meia hora é que peguei no sono novamente, mas creio que não sonhei mais naquela noite. Dias depois parecia que vinha a continuação do sonho.

— Palavras fortes desse religioso. E como foi a continuação?

— Eu tomei as dores de minha amiga e desafiei o religioso. Eu senti que eu era subordinado a ele de alguma forma. É bem estranho dizer isso, mas eu o conhecia.

— Tobias, que história impressionante.

— O mais impressionante, caro Honório, foi o que aconteceu em seguida.

— Diz logo, pois estou curioso.

— Eu gritei bem alto para todos na praça ouvirem. Estou me lembrando agora do nome dela. Estou lembrando, Honório!

Honório recordou-se do momento em que o amigo Tobias teve um “estalo” e contou os detalhes do sonho que parecia que não lembrava antes.

— Qual nome?

— Eu disse exatamente estas palavras: *Seu covarde! Louise é uma boa pessoa, e todos na cidade sabem que ela é cética, não acredita em nada. Como pode ser uma bruxa? Com certeza alguém forjou algo para incriminá-la!*

— Louise? Não é um nome de mulher francesa?

— Creio que sim.

— Então é provável que a cena do seu sonho fosse na França.

— Será? Não havia me dado conta dessa possibilidade.

— Continue a história.

— Eu lembro que o religioso olhou em minha direção, como que se sentindo desafiado. Estava muito bravo. Ele ficou em silêncio por alguns segundos, embora a multidão ainda chamasse a mulher de bruxa.

— E o que ele fez?

—Ele disse algo que fez a multidão toda se voltar contra mim, e os homens do Vaticano me prenderam.

— O que ele disse, Tobias?

— Não sei ao certo a frase, foi algo assim: *Infelizmente, povo de Leônidas, vejo que meu estimado sacerdote escolheu o caminho do mal. Mesmo com todas as provas encontradas na casa da bruxa, Domaurice insiste em defendê-la. Vocês devem saber que o sacerdote sempre foi amigo dela. Ao pronunciar essas palavras ofensivas a seu superior, e defender esta bruxa, tudo nos leva a acreditar que ele é cúmplice dela e participa também de atos de bruxaria.*

— Leônidas? Domaurice?

— Algo assim.

— Vou anotar esses nomes. Tenho um material aqui de Geografia.

— O que vai fazer, Honório?

— Um minuto, por favor.